EDITORIAL

Já tem vários anos que a Revista Fragmentos de Cultura, no mês de setembro, dedica um número especial à Sagrada Escritura. Principalmente, para os católicos, o mês de setembro é dedicado à Palavra de Deus, revelada no Antigo Testamento aos hebreus/israelitas e no Novo Testamento aos cristãos de vários cristianismos originários, presentes em várias partes fora de Israel. O livro de reflexão deste ano, neste mês, é o Evangelho de João e o tema é "Discípulos e missionários a partir do Evangelho de João".

Desde 1947, é comemorado o "Dia da Bíblia" no dia 30 de setembro, o dia de São Jerônimo (340-420 dC). Porém, o mês de setembro foi dedicado à Bíblia, a partir de 1971. Jerônimo era um biblista que se preocupava com a ausência da Bíblia na língua do povo (latim). Foi ele quem traduziu, a partir do hebraico e grego, toda a Escritura. A tradução recebeu o nome de "Vulgata" por causa da língua do povo, o "vulgo". A partir daí, em todas as liturgias, o latim foi se tornando a língua oficial.

Com linguagem mítica, desde a extraordinária simplicidade da História dos Primórdios nos primeiros capítulos do Gênesis até Jesus Cristo e a apoteose do anúncio da vitória e esperança do Apocalipse, temos, em dezenas e dezenas de livros, a história da Revelação de Deus a autores humanos e comunidades que buscavam a vida. Deus se serviu da linguagem humana e de gêneros literários usados em cada época para nos anunciar sua Palavra Viva. Ele desceu até nós para ficar "conosco".

Há um projeto dinâmico de Deus nos vários textos bíblicos. A grande mensagem é o "anúncio" de que um mundo de justiça e paz é possível. A boa notícia é proclamada: o reino está próximo. Na busca do Reino, compreende-se o amor indefinível de Deus. Morando conosco ele nos dá, sempre, coragem. O grande gesto de amor foi o envio do seu Filho, Jesus Cristo. Através d'Ele, nós nos tornamos filhos de Deus. Isso muda tudo. Como Ele é o Deus da justiça, está sempre do lado dos fracos. Quando uma pessoa, ou um grupo, ou uma instituição viola os pequenos, a Bíblia é denunciadora das injustiças, das situações desumanas de pobreza, de miséria, de exploração. O Deus bíblico não suporta a exclusão dos seus milhões de filhos. Se os profetas denunciaram as situações de desigualdades, foi Jesus Cristo quem tomou o partido dos injustiçados e foi assassinado por causa deles. Toda situação de

violação do direito e da vida dos pequeninos é de injustiça e pecado. Por isso, é contrária ao projeto de Deus.

Temos duas dimensões da leitura da Bíblia, no Brasil.

1) A Bíblia está nas mãos do povo. A difusão da Palavra foi muito intensa, a partir da década de 1970, especialmente, no meio católico e nas igrejas evangélicas tradicionais que experimentaram as experiências do ecumenismo

e a leitura popular da Bíblia. Foi nesse tempo em que as comunidades eclesiais de base tornaram-se bastante ativas e a Sagrada Escritura era o grande instrumento de unidade e organização das experiências comunitárias. A Bíblia, a espinha dorsal das comunidades, era objeto de maior formação cristã, de aprendizagem, de celebração e de estímulo das organizações comunitárias. Nos tempos de exceção no Brasil (ditadura militar) ela foi a força das decisões comunitárias dos pequenos grupos, nas periferias das cidades, na zona rural e nas organizações populares da sociedade. Ela era lida nas casas, nas reuniões dos vizinhos e nos debates das reuniões das resistências.

Na esfera do ecumenismo as experiências comunitárias abriram fronteiras e, concomitantemente, as formações bíblicas foram uma realidade entre vários segmentos de igrejas de várias denominações. O centro ecumênico de estudos bíblicos (CEBI) foi uma energia para o conhecimento bíblico. No Brasil e em vários países da América Latina as escolas bíblicas se espalharam entre os católicos e evangélicos. Então, o mês de setembro continuou a ser referência no ambiente católico, porque os evangélicos o fazem em outros momentos. Porém, todos, além das celebrações litúrgicas internas, do dinamismo de toda comunidade em torno da Palavra, buscam significados para suas práticas sociais na busca da justiça e da dignidade humana.

2) No nível acadêmico, a Bíblia é estudada numa perspectiva científica. Ela é pesquisada como ciência. Ela precisa de outras ciências para ser mais bem compreendida: da História, da Antropologia, da Arqueologia, da Geografia, da Filosofia, da Cosmologia, da Sociologia, do Direito, da Literatura e das Ciências da Religião. As Ciências Bíblicas têm, como objeto, a Palavra de Deus. Têm seus métodos de pesquisa, tais como o Método Histórico-Crítico, o Método Sociológico, o Estruturalista, o de Abordagem Psicológica, o Método da Leitura Feminista, da Leitura Indígena etc. Como ciência, os estudiosos da Bíblia (exegetas e especialistas) participam de um amplo diálogo interdisciplinar com outros universos científicos.

É dentro dessa perspectiva, que vários articulistas (doutorandos, mestrandos e doutores) vêm trazer suas contribuições para que este número homenageie um dos grandes estudiosos da Sagrada Escritura: Jerônimo.

Como o mês da Bíblia refletirá o Evangelho de João, três articulistas se envolveram na reflexão do Quarto Evangelho. O doutorando Danilo Dourado Guerra trabalhou uma temática desafiadora, intitulada, "Messias e Heróis: a Resignificação do Messianismo Popular na Comunidade Joanina". Lendo os textos bíblicos e as informações da literatura e da história a partir da Leitura Sociológica Conflitual, ele procurou buscar o núcleo dialógico entre o davidismo popular e a compreensão messiânica da comunidade joanina. Ele distinguiu, muito bem, o Davi do meio campesino (popular) e o Davi-Rei. Em seguida, apresentou o Jesus joanino e o confrontou com um dos messias do primeiro século: Simão Bar Giora, que fora um messias contemporâneo da comunidade joanina. O articulista procurou entender a construção do herói joanino. No prisma heterotópico, ele procurou comprovar a hipótese

de que dentro de um panorama histórico de trajetos e elaborações cristológicas, houve uma resignificação do davidismo popular dentro da comunidade joanina.

Outro doutorando, Dionivaldo Pires, também, trabalhou um texto do Evangelho de João, intitulado "Os judeus no Quarto Evangelho à Luz de Jo 9,22". Procurou pesquisar, em nível semântico, o termo "judeu" no Quarto Evangelho. Partindo de Jo 9,22 ele apresentou a dupla face do contexto social da época em que o Evangelho foi escrito. De um lado, os acadêmicos de Jâmnia (fariseus) que, nesse Evangelho foram identificados com os Judeus. Do outro lado, o ex-cego que representava a comunidade cristã expulsa da Sinagoga. O articulista procurou mostrar que o Quarto Evangelho não é antijudaico, porém, revela, a partir de profundas tensões, o rompimento dos cristãos com o universo dos judeus (rabinos), formando a comunidade viva que se impulsionava pela fé em Jesus Cristo (Jo 20,30-31).

O Doutor Joel Antônio Ferreira procurou dar um cunho mais simples e popular no seu artigo em torno do Evangelho de João, intitulado "A Prática do Amor em João 13: A Nova Comunidade Cristã". Ele pensou, um pouco, nos leitores de nível de graduação e nos Ministros da Palavra das Igrejas. Procurou dar uma visão de todo o Quarto Evangelho, mostrando que a dialética "egoísmo", "trevas", "mentira", "escravidão" e "morte" e "amor", "luz", "verdade", "liberdade" e "vida" estão em contínuo embate. O texto mostrou que quem crê em Jesus Cristo, o Filho de Deus tem a "vida". Isso ficou evidente na perícope de Jo 13, um texto do livro da comunidade (Jo 13-17), onde a prática do amor, explicitada no "lava-pés" e na "ceia", mostra como precisa ser a prática da comunidade.

A doutoranda Maristela Patrícia de Assis escreveu "Nem só de palavras se inaugura a liberdade cristã, mas de toda ágape que constrói a koinonia". Seus referenciais foram a Epístola aos Gálatas e o Bilhete a Filêmon. Ele desenvolveu o conceito de Liberdade. Paulo, em Gálatas, já havia proclamado que "foi para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1-13). Porém, foi em Filêmon que a prática, foi, de fato, concretizada. O bilhete foi a expressão da inauguração da liberdade numa comunidade de iguais. Num universo onde o modo de produção escravagista romano era o projeto universal, um plano novo surge, a partir de Jesus: a dominação teria que dar lugar à igualdade e fraternidade.

A mestranda Elenice Fátima de Oliveira articulou o "Evangelho de Mateus: uma comunidade resistente". Ela procurou detectar a realidade da comunidade mateana, situando-a na região de Antioquia, na Síria. A realidade era bastante conflitual. Os seguidores de Jesus, formados por judeu-cristãos, conviviam com judeus do judaísmo. Ambos foram migrados após os terríveis acontecimentos em Israel, onde o país desapareceu e os habitantes tinham de procurar sua sobrevivência onde fosse possível. A comunidade mateana foi resistente: enfrentou a forte oposição e criou um projeto de sobrevivência, baseado na palavra da "justiça".

O mestrando Rubens Alves da Costa abordou "O sermão escatológico do Evangelho de Mateus e a injustiça social", procurando analisar os mecanismos que geravam e mantinham a injustiça social na cultura da Palestina do século I d.C. a partir da leitura das relações de conflito existentes na comunidade mateana. Entende-se que relações assimétricas são vetores eficazes para a gênese da marginalização dos estratos sociais mais baixos, e por conseguinte, vê-se a terra como um mecanismo para a manutenção da paz social. O autor percebe que a injustiça social é uma construção da sociedade e que os governos são os principais agentes fomentadores dela.

O doutorando Cristiano Santos Araujo, em "Grande Sertão: Veredas. A Bíblia de João Guimarães Rosa", discute as relações entre Teologia e Literatura brasileira. Pelo termo, a

Bíblia de João Guimarães Rosa, demonstra que a Bíblia é uma obra literária sagrada com suas tramas, intrigas e personagens, e o romance Roseano é um clássico da literatura brasileira que discute os dilemas do homem humano em seus embates histórico-metafísicos entre o mundo rural e a cidade, entre a tradição e a modernidade do Brasil na metade do século XX. Este cruzamento disciplinar forma uma modalidade de representação artística de tempos e espaços sagrados nas esferas da dialética entre ficção e realidade, entre arte e vida representadas no cruzamento disciplinar de texto teológico e literário.

Josilene e Eunice escreveram "A Palavra Mágica no Islã: 'shahada' - um rito de iniciação na fé islâmica", onde apresentam a relevância dos ritos dentro da religião islâmica principalmente os ritos que constituem os pilares da fé ressaltando a Shadada como um rito iniciatório. O texto faz uma pesquisa descritiva bibliográfica, com a teoria do mito de Ernst Cassirer, demonstrando o poder da palavra como "arquipotência". Deste modo, realizam uma conexão entre os argumentos trazidos por Cassirer na obra supracitada e relacionado-os com o rito da Shahada que é comumente conhecido como sua profissão de fé, verificando que o rito é uma espécie de consagração à Deus (Allah) e no qual a palavra se constitui como elemento mágico-transformador, ressaltando sempre que a crença monoteísta como principal fundamento da fé islâmica.

O Doutorando Valdivino de Souza Ribeiro, a Doutora Rosemary F. N. da Silva e Herbert V. Barros pesquisaram que vários foram os processos de dominação e resistência. Com o povo da Bíblia a situação não foi diferente. Sofreu dominação, mas ao mesmo tempo, na memória, fez resistência. O templo e a monarquia foram utilizados como meio de dominação. Sinalizavam a centralização política e religiosa. Mas a memória do povo celebrava a alegria e certeza da ação do Deus da Vida. Sendo assim, a celebração conserva a memória e certeza do projeto originário a ser celebrado e vivenciado.

O doutor em Teologia (PUC RJ) Fábrio Py Murta, apresenta a resenha intitulada de "A Krisis cristã", uma análise sobre o livro Pilatos e Jesus, de Giorgio Agamben, lançado pela Boimtempo editorial em 2014. A produção desta obra se concentra no processo (krisis) de Jesus a Pilatos, persuadida pela tese de que, naquele, há cruzamento do humano/divino e do histórico/não-histórico, oscilando entre o humano e o juiz divino. Por isso mesmo, observa o cristianismo como uma religião da história, quando enfeita os fatos históricos com os mistérios. Nessa via, compreende a krisis de Jesus como "um dos momentos chaves da humanidade" (p. 22), defendida pelo cristianismo como o momento em que a eternidade atravessa a história.

Por fim, com este número da Revista Fragmentos de Cultura convidamos você, nosso prezado leitor, para um mergulho nas Sagradas Escrituras através do Evangelho de João. A Bíblia está nas mãos do povo, mas também nos estudos em nível universitário, e neste diálogo entre academia e experiência comunitária, que este volume ajude suas mãos a examinarem as Escrituras, e que do seu interior fluam rios de águas vivas (Jo 7,38).

Joel Antônio Ferreira
Cristiano Santos Araujo
Editores deste número